

A ATALAIA

SEXTA FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2150

A moralidade dos juízes da Boa Hora

Se uma sociedade, como esta que sofremos, necessitasse para viver de ser coerente para com as leis que a regem e de possuir a relativa moralidade que elas determinam, há muito que sua sepultura estaria aberta. E seria ainda a magistratura quem lhe apressaria à morte.

Os juízes incorreram, há muito, na alcada da lei. Se fossem julgados, a sua exoneração seria certa e a sua entrada na cadeia mereceria ser classificada como um acto de elementar justiça. Os homens da Boa Hora deviam despir a toga negra de que se tornaram indignos, mesmo perante a moral burguesa e envergar os trajes dos reclusos da Penitenciária.

Quem desconhecendo Lisboa mirar de relance a Boa Hora conclui logo que aquela «casa de justiça» é um antro de podridões, um museu de imundices e um campo de cultura de parasitas. Num ambiente tão imundo não podem brotar consciências limpidas e actos dignos. O que se passou em torno dos presos que últimamente para lá fôram remetidos confirma plenamente as nossas asserções.

Os homens que sete longos meses se tuberculizaram nas esquadras e que ontém compareceram perante os magistrados, ladeados de soldados da G. N. R., são acusados dum delito formidável: pertencerem a uma associação de malfiteiros.

Tu sabes o que é uma associação de malfiteiros, burguês timorato e cobarde? Prepara-te para seres atacado dos maiores receios! Uma associação de malfiteiros é um agrupamento de homens que com um desprêzo cínico e uma audácia inútrapassável se coloca à margem das leis e investe ousadamente contra a sociedade. A associação de malfiteiros não respeita nem o direito da propriedade nem as vidas dos proprietários. Essas associações de malfiteiros vivem do que roubam e assassinam quem de perto ou de longe constitui um obstáculo à sua acção perversa e criminal. Enquanto esse bando de malfiteiros andar à solta ninguém tem a certeza de chegar a casa com vida ou de não viver sob ameaças terríveis.

Foi assim que se considerou os homens que foram pronunciados na Boa Hora, foi assim que se considerou os homens que Vitorino Goiçinho, orientado apenas pelas informações dum chefe de polícia immoral e estúpido, deportou para a Guiné.

Como se comprehende, então, que lhes fôsse arbitrada uma fiança de 50 contos? Então, com o depósito de alguns milhares de escudos, esses homens deixavam de ser perigosos e já podiam andar livremente pelas ruas?

E que faziam esses miseráveis do respeito pelas vidas e pela propriedade dos burgueses? Os 50 contos tornavam esses homens inofensivos, incapazes dum gesto ilegal e dum crime homicida.

Pode conceber-se critério mais absurdo?

Como se comprehende que uns tenham de ser deportados, saltando-se para isso por cima de todas as leis e de todos os princípios de humildade, e outros possam andar à solta, medianta a importância de 50 contos? É uma mudança de tratamento que espanta pela sua incoerência e que brada aos céus pela sua flagrante injustiça.

É fácil extrair a conclusão que ressalta de todas estas enormidades.

A associação de malfiteiros é uma invenção e uma invenção idiota. Todos eles—polícias, magistrados e governos—estão convencidos de que é impossível apresentar-se em tribunal as provas da existência dessa famigerada associação. Todos eles estão convencidos de que as prisões e as deportações não chegam a ser um acto de justiça de classe para serem únicamente uma vingança de cobardes e impotentes.

Uma sociedade que procede assim está moralmente falida!

Associação de Classe dos Trabalhadores em Carnes Verdes

A todos os sindicatos operários do país se notifica que a Associação de Classe dos Cortadores, fundada em 1894, revogou os seus estatutos passando a denominar-se Associação de Classe dos Trabalhadores em Carnes Verdes, com sede na rua da Mouraria, 27, para onde deve ser enviada toda a correspondência.

CARTA DE ESPANHA

Um crime impune em Barcelona porque aproveitou a um industrial

Barcelona, 26 de Novembro.—Um feroz «somatenista» cometeu um crime de homicídio contra dois sindicalistas, que trabalhavam numa fábrica desta cidade. A imprensa burguesa procurou atenuar, em relatos parciais, a hediondez deste crime, sendo favorecida no seu ignobil intento pelas más circunstâncias sociais que flagelam o operariado.

Pretende-se, com a cumplicidade da imprensa burguesa, garantir a impunidade do monstruoso crime, praticado por um miserável acoberto pelo patrão da fábrica, que usa o nome de Antônio Casanovas.

Não nos alongaremos em detalhar o relato do crime. O industrial Foleh possui uma fábrica de gelo, situada no bairro do Pueblo Nuevo. Nessa fábrica distribuiram-se, há cerca de um ano, umas folhas clandestinas que protestavam subversivamente contra a guerra. Foi preso, por suspeita, um operário, chamado Jaime Vizcarro, o qual havia sido denunciado pelo Casanovas.

A prisão levantou calorosos protestos em todos os operários da fábrica, distinguindo-se neles Joaquim Gil e Antônio Serrat. Decorreram meses sem maiores incidentes, até que Jaime Vizcarro foi submetido a julgamento e condenado, por influências do sr. Foleh e por manobras do Casanovas, a dois anos de prisão por delito de propaganda sedicioso.

Devido a esta iniquidade, recrudesceram os ódios que os operários da fábrica Foleh sentiam pelo «somatenista» Casanovas. Em dado momento, apareceram nas bancas de trabalho várias folhas clandestinas pondo a clara a amoralidade do miserável. Desta vez, a suspeita recaiu sobre os operários Gil e Serrat, e esta suspeita foi a origem do bárbaro crime. Eis o relato singelo dos factos.

A imprensa burguesa de Barcelona procura, agora, salvar o homicida Casanovas de toda a responsabilidade e afastar também a suspeita que possa recair no industrial Foleh, apontando o crime como tendo sido praticado por um louco. O prove de loucura é pretensamente fundamentada numa pequena nota, habilmente engendrada, que se diz ter sido encontrada pela porteira e estar assassinada pelo assassino. Nessa nota faz-se constar que Casanovas estava decidido a liquidar todos os sindicalistas, não lhe faltando, para o intento... masculina coragem.

Com este insignificante documento se procura afirmar a «loucura» do Casanovas. Oculta-se, porém, que este «somatenista» propôs a prática de assassinatos contra sindicalistas a um seu amigo, «somatenista» também. A aceitar-se o critério acima exposto, ter-se-há de procurar outro louco...

«Aquele que dormir com machoabusando dele como se fôr fêmea, ambos comearam a aventure-se a hipótese duma rápida mudança na política espanhola, mudança que levaria ao exílio Afonso XIII.

Afinal, com espanho duns e com pesar dous, houve na política do país visível apenas uma mudança de indumentária. Primo de Rivera que era presidente do Diretório demitiu-se daquele cargo e eleger-se presidente do ministério. Martinez Anido que era sub-secretário do Interior elegue-se ministro do Interior. Nas outras postas pastas se quiseream—houve uma simples mudança de designações. A ditadura espanhola subsistiu com as mesmas personalidades, sobre as mais elementares normas do direito. E' o que de positivo houve em Capítulo 20.º do Levítico:

«Aquele que dormir com machoabusando dele como se fôr fêmea, ambos comearam a aventure-se a hipótese duma rápida mudança de indumentária.

E limitamo-nos a chamar imundice ao quadro que o livro sagrado nos apresenta, porque, a examiná-lo sob o ponto de vista do castigo dado ao repugnante atentado, teríamos de classificá-lo mal duramente, pois julgamos ainda mais criminosa a feroz repressão das autoridades celestiais do que a das terrenas... Lá nos céus não há meias medidas. A sentença mais vulgar que os textos sagrados nos apresentam em centenas de casos é o—morra de morte!

Havemos de dar-nos um dia a pachorra de contar o número de assassinatos que a Bíblia nos relata. Temos a certeza que por ordem divina foram feitas mais liquidações do que aquelas que os nossos amigos da ordem nos apresentam como feitas na Rússia...

Mas isto não vai a matar. A Bíblia é grande e merece maior divulgação.

Ela contém tão vergonhosas cenas, tão ferozes castigos, tão libidinosos quadros que parece impossível que tenham passado despercebidos às nossas perspicaces capacidades policiais...

Ou haverá suborno do engenheiro máximo?

A propósito da repressão aos insolentes transcreve-se um libidinoso versículo da Bíblia

Revolta-nos tão profundamente a maneira estúpida porque se está a fazer a repressão da linguagem desbragada e das atitudes imorais que por aí há, que não podemos deixar de, em desabafos, comparar situações idênticas, pensamentos torpes e quadros repugnantes porque toda a gente passa sem reclamação a repressão das autoridades.

E' ainda aos livros sagrados, à Bíblia, que recorremos porque ela nos dá farta colheita de imoralidades para apresentar aos ilustres repressores das imundices vomitadas por criaturas a quem a falta de educação religiosa leva a tanto desafogo...

Já aqui dissemos há dias que achamos repugnante a linguagem que a cada passo para aí ouvimos empregar e que por ser efecto de uma causa imoral, a falta de instrução, devia ser combatida à outrance por todos os que presam a boa saúde do espírito. Isto, porém, não nos dá o direito de aplaudir a repressão estúpida feita por criaturas que sem raciocínio nem competência se lançam a multar aqueles que prevaricam falando despejadamente.

Andam as autoridades (?) repressoras num roda-viva em busca de livros, revistas e gravuras obscenas, e a sua fúria de repressão tem ido até à apreensão de livros que essas autoridades julgam imorais e que não afinal mais do que autênticos espelhos que, bem ou mal, reflectem actos da nossa humana existência, que todos conhecem e sentem mas que uma convenção estúpida afasta da luz clara do Sol.

Pois bem! Nós garantimos, sem receio de que nos desmintam, que a Bíblia não é, em algumas das suas páginas, menos asquerosa do que muitas das publicações a que os zelosos repressores têm deitado mão.

Veja-se, como amostra, este versículo repugnante que o livro sagrado a quem todos devemos o maior respeito insere no Capítulo 20.º do Levítico:

«Aquele que dormir com machoabusando dele como se fôr fêmea, ambos comearam a aventure-se a hipótese duma rápida mudança de indumentária.

Primo de Rivera que era presidente do Diretório demitiu-se daquele cargo e eleger-se presidente do ministério. Martinez Anido que era sub-secretário do Interior elegue-se ministro do Interior. Nas outras postas pastas se quiseream—houve uma simples mudança de designações. A ditadura espanhola subsistiu com as mesmas personalidades, sobre as mais elementares normas do direito. E' o que de positivo houve em Capítulo 20.º do Levítico:

«Aquele que dormir com machoabusando dele como se fôr fêmea, ambos comearam a aventure-se a hipótese duma rápida mudança de indumentária.

E limitamo-nos a chamar imundice ao quadro que o livro sagrado nos apresenta, porque, a examiná-lo sob o ponto de vista do castigo dado ao repugnante atentado, teríamos de classificá-lo mal duramente, pois julgamos ainda mais criminosa a feroz repressão das autoridades celestiais do que a das terrenas... Lá nos céus não há meias medidas. A sentença mais vulgar que os textos sagrados nos apresentam em centenas de casos é o—morra de morte!

Havemos de dar-nos um dia a pachorra de contar o número de assassinatos que a Bíblia nos relata. Temos a certeza que por ordem divina foram feitas mais liquidações do que aquelas que os nossos amigos da ordem nos apresentam como feitas na Rússia...

Mas isto não vai a matar. A Bíblia é grande e merece maior divulgação.

Ela contém tão vergonhosas cenas, tão ferozes castigos, tão libidinosos quadros que parece impossível que tenham passado despercebidos às nossas perspicaces capacidades policiais...

Ou haverá suborno do engenheiro máximo?

Um ATEU

PERSEGUIÇÕES

A sessão de hoje na sede do Sindicato do Mobiliário

Promovida pelos sindicatos do Mobiliário e dos Manufactores de Calçado, realiza-se hoje, às 21 horas, na travessa da Aguda de Flor, 16, uma sessão de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada, devendo fazer uso de palavras vários militantes dos organismos promotores e delegados da C. G. T. e C. S. do Trabalho.

A comissão administrativa do Sindicato do Mobiliário convida o proletariado da indústria a comparecer a esta reunião.

No Núcleo da Juventude Sindicalista

Promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 20,30 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, uma sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e continuação de prisões de operários sem culpa formada. Enviamos delegados a esta sessão a C. G. T., Câmara Sindical do Trabalho, iComissão pró-regresso dos deportados e Federação das Juventudes Sindicalistas.

Uma sessão no Alto do Pina

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina, realiza-se hoje, pelas 20 horas, uma importante sessão na secção da construção civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, onde será apreciada a situação dos deportados e dos operários que se encontram nas esquadras há mais de 6 meses.

Nesta sessão usarão da palavra delegados da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, Comissão pró-regresso dos deportados e Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.

Comissão Pró-regresso dos deportados

Esta comissão, além doutros assuntos de carácter reservado, nomeou delegados às seguintes sessões de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada que se realizam hoje:

No Núcleo da Juventude Sindicalista, Alfredo Lopes e José Romero; Nos Sindicatos Únicos Mobiliário e Manufactores de Calçado, Alexandre Assis e José Augusto; Na sessão promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina, Jaime Tiago e Alfredo Mar-

Notas & Comentários

Uma tempestade...

Após a sessão solene comemorativa do aniversário do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha houve um copo de água onde quase todos os que comeram—comeram e disseram mal da C. G. T. e da Batalha. Morder numa sanduíche é muito mais fácil e profícuo e a isso se deviam ter limitado os convivas. Escusava-se de ter inutilmente desencadeado sobre nós aquela tempestade de impropérios—aquele tempestade num copo de água...

Procedimento inqualificável

Em Ceizimbra, segundo a narrativa dum amigo deste jornal, um empregado no comércio furtou do estabelecimento onde era empregado alguns géneros, o que determinou a sua captura por prazas da G. N. R. Até aquí ainda se compreende intervenção da guarda republicana, não sucedendo o mesmo procedimento posterior desto para com o detido, ao qual nos vanos referir.

Depois do delinquente ter dado entrada no posto algumas prazas da G. N. R. abriram o desgraçado a conduzir o farto e a correr todos os estabelecimentos exhibindo-se aos objectos de que se tinha apoderado sem licença indevidamente. Não satisfeitos com este triste espetáculo, as prazas da G. N. R. removeram novamente para o posto o preso e ali soaram-no selvagemente, præza de que são useiros e vezeiros.

Para um país democrático é bem significativo o inqualificável procedimento das prazas da G. N. R. de Ceizimbra...

Simples mudança de indumentária...

A notícia mais sensacional do dia de ontem, foi a queda do Diretório espanhol. Nos cafés, nos grandes centros de caçava chegou a aventure-se a hipótese duma rápida mudança na política espanhola, mudança que levaria ao exílio Afonso XIII.

Afinal, com espanho duns e com pesar dous, houve na política do país visível apenas uma mudança de indumentária. Primo de Rivera que era presidente do ministério. Martinez Anido que era sub-secretário do Interior elegue-se ministro do Interior. Nas outras postas pastas se quiseream—houve uma simples mudança de designações. A ditadura espanhola subsistiu com as mesmas personalidades, sobre as mais elementares normas do direito.

O «Junkers»

O gigantesco avião «Junkers» continua a maravilhar o lisboeta com os seus admiráveis vôos. Sobre Lisboa, além dos representantes da imprensa e de gente do teatro, voaram também alguns vultos políticos para observarem as asneiras que cometem os sargentos da cavalaria, um exemplo que um sargento da sua companhia tinha dito a um bando de mulas que se tinham mandado a declaração perentória de que o negro nada faz sem mérito ao chicote. Que se não fôssem os necessários exemplos a que hipocráticamente se dizem obrigados, ninguém seguiria o preto, que em brave nos subjugaria num meio que él conhece a palmo e onde a natureza o protege e defende com carinho de verdadeira mãos.

Em África têm sido condenados negros a enforcarem-se por suas próprias mãos

Que não somos escravistas afirmam a cada passo os nossos bons patriotas e a grande imprensa o confirma nos seus numerosos artigos recheados dos mais sentidos aplausos à nossa obra de colonização, tão notável pela sua... falta de existência. Todos o afirmam, muitos o confirmam.

As concessões aos estrangeiros na Rússia

O artigo que a seguir traduzimos é de autoria de R. Louzon, figura insuspeita, pois que pelas suas palavras mostra ainda acreditar que a emancipação do proletariado se pode fazer por métodos autoritários e governamentais, obedecendo aos «preceitos fixados por Lenin».

«Uma das mais importantes empresas capitalistas da antiga Rússia, escreve ele, é a sociedade inglesa *Lena Goldfield*, que explorava antes da guerra os ricos jazigos de ouro da bacia do Lena na Sibéria, estava já de há meses em negociações com os soviéticos para reentrar na posse das suas antigas propriedades sob a forma de concessão. A 20 de Julho último o projecto de concessão foi aceite pela assembleia geral dos accionistas, e a 11 de Agosto a concessão foi definitivamente aprovada pelo governo dos soviéticos. Esta data deve ser assinalada com uma pedra negra na história da Revolução.

A extensão desta concessão, as condições em que foi consentida vão muito além do que é compatível com a existência dum povo proletário; além do que foi fixado por Lenin como limite extremo a ser concedido ao capitalismo. A concessão que foi feita à *Lena Goldfields* compreende em primeiro lugar toda a autêntica propriedade da sociedade da bacia do Lena.

Outra, é nesta propriedade que se encontra a quase totalidade do que resta de ouro industrialmente explorável na Sibéria. Os velhos jazigos do Ural, do Jenissei estavam quase totalmente exauridos já antes da guerra. Não restavam senão os do Lena no extremo oriental da Sibéria. O ouro da Sibéria é de facto hoje, unicamente, o ouro de Lena. Conceder o ouro do Lena significa pois conceder todo o ouro russo.

A concessão, na verdade, só foi dada por 30 anos, no fim dos quais os Soviéticos reentrarão na posse dos jazigos e de todas as instalações.

Mas como se trata de jazigos aluviais, quer dizer de ouro contido em aluvios de antigos rios, terras moveis e superficiais, estes jazigos estarão em breve exauridos com os meios modernos de exploração e não há dúvida que depois de 30 anos de exploração intensiva (e pode-se estar certo que a *Lena Goldfields* explorará com o máximo de intensidade) os soviéticos não receberão senão areias sem valor.

Além desta antiga propriedade da bacia do Lena, a *Lena Goldfields* obteve concessões não menos consideráveis nas duas outras regiões mineiras, no Altai, o velho centro mineiro do coração da Ásia, onde os territórios concedidos contêm minas de zinco, chumbo, cobre, prata e ouro, e no Ural onde a concessão compreende minas de ferro e de cobre e instalações.

Enfim, para assegurar o carvão às suas várias empresas, concederam à *Lena Goldfields* minas de carvão na grande bacia carbonífera siberiana de Kutzneck e das minas de antracite no Ural.

Segundo Sverdlov a *Lena Goldfields*, quando estiver em plena actividade, empregará 44.000 operários. Mais ainda o mais espantoso pela importância da concessão são as condições em que ela foi concedida. Concede-se à *Lena Goldfields* um privilégio extraordinário, que não foi nunca admitido em nenhum país capitalista, nem nos Estados menos independentes da América do Sul e do Centro; um verdadeiro direito de extra-territorialidade. Para esta concessão feita pelo governo dos soviéticos não serão competentes os tribunais dos soviéticos, mas um tribunal estrangeiro e burguês. O contrato de concessão estipula, de facto, que todos os litígios entre o concessionário e o governo dos soviéticos serão decididos não em tribunais soviéticos, mas num tribunal de árbitros composto por um representante dos soviéticos, por um representante dos concessionários e por um terceiro juiz que será escolhido entre os professores da Escola Politécnica Real de Estocolmo ou da Academia de Minas de Friburgo — por conseguinte por um tribunal de maioria estrangeira e burguesa. Ora, repito-o, não se encontra nalguns países capitalistas concessões feitas em semelhantes condições; nem há país já mais aceitou que os seus litígios com os seus concessionários fôssem submetidos a outra justiça que não fosse a sua, a dos seus próprios tribunais, julgando segundo a sua própria legislação.

Enfim, o monopólio do comércio, que devia ser intangível, que até agora era considerado como um baluarte, no qual era indispensável não fazer qualquer brecha, se se queria reservar a possibilidade de edificar uma Economia cada vez mais socialista, também esse foi ferido; durante sete anos a *Lena Goldfields* poderá importar livremente, directamente, sem pagar direitos alfandegários, tudo o que necessitar para a instalação e exercício das suas empresas.

No mesmo tempo que o ouro da Sibéria era assim abandonado pelo capital inglês, o manganez do Cáucaso era cedido a Harriman, o rei dos caminhos de ferro americanos.

A Rússia é um grande produtor dum metal indispensável à metalurgia moderna: o manganez. Antes da guerra, as suas minas de Ciaturi na Geórgia era o maior fornecedor do mundo em manganez. Foi esta mina que foi concedida a Harriman, que ocupará vinte mil operários.

A enormidade destas duas concessões, a introdução, no coração mesmo da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, de potências capitalistas formidáveis, como a *Lena Goldfields* e Harriman, constituem um perigo terrível sobre o qual é quase inútil insistir, tão evidente é ele.

O poder político não é nada, se não tem o apoio do poder económico. E o A.B.C. do materialismo histórico, é uma evidência de simples bom senso que não serve de nada ser o senhor da política, do exército, etc., se não se é o dono da produção. Primeiro viver! E para viver, é preciso produzir. O que é senhor da produção é o seu senhor da vida, e portanto senhor de tudo.

O Estado, quem quer que esteja à sua frente, quer que seja à sua frente, qualquer que seja a etiqueta que ostente, não é senão o encarregado dos senhores da produção. Se o proletariado é o dono da produção, o Estado é proletário; se o capital é o patriarca da produção, o Estado é capitalista.

A concessão ao capitalismo do ouro de Lena e do manganez do Cáucaso, estes dois elementos essenciais da economia russa, será por si mesmo um elemento de desagregação do poder proletário; mas isto é ainda mais grave, se só for um primeiro passo. Agora, se se concede o petróleo de Baku, o carvão de Donets, os teares de Moscova, e o que ainda resta por conceder no Ural, então a foice e o martelo podem bem continuar a ser o emblema oficial da república.

EM PORTIMÃO

No posto da G.N.R. continuam as agressões a presos com tácito consentimento do seu comandante

PORTEMÃO, 2.—Ainda não esqueceram os bárbaros espancamentos feitos a presos pela soldadesca da G.N.R. do posto desta nova cidade. Dos últimos relatos feitos na «Batalha», de autoria do signatário destas linhas, resultou sermos chamados à autoridade administrativa. Uma vez ali o sargento do posto da G.N.R. garantiu-nos na presença do sr. Jaime Dias, então administrador, sobre a sua palavra de honra, que não seriam feitos mais espancamentos.

Todos nós estávamos convencidos que assim seria devido há dias não verificarmos espancamentos aos vários indivíduos que no posto caíram. Tal, porém, não sucedeu. Os actos de malvadez atingiram desta vez as raízes da ferocidade humana. Relatemos: No dia 2 do corrente, foi devido a uma altercação que com outro teve, preso um operário estivador que por todos é conhecido incapaz de provocar seja quem for. Como a G.N.R. de há muito anda de rixa com a classe dos estivadores foi o pobre homem que se chama Gonçalo da Silva, conduzido ao posto da G.N.R.

Duas horas depois, como estivesse um pouco embriagado, deixou-se dormir sobre a tarimba e quando estava no melhor do sono foi acordado pela soldadesca e trazido para as cocheiras, para que os seus gritos não fôssem ouvidos e ali espancado com os sabres e a cavalo marinheiros desalmados que o seu corpo se encontra numa verdadeira chaga.

Os janifazos não contentes com a proesa esperaram-lhe um sabre nas costelas, fazendo-lhe um grande ferimento. No dia seguinte o sargento, que dirá nada saber, que inocentemente — sólido em liberdade dizendo-lhe: vai-te deitar porque precisas de descanso. Como por nós fôsse notado o estado em que se encontrava o desgraçado, fomos procurar várias pessoas categorizadas desta cidade a quem relatámos o facto, mostrando a todos o corpo do infeliz.

Procurámos depois o administrador do concelho que actualmente se encontra substituído pelo sr. Jaime Dias.

Na administração estavam várias pessoas que verberaram com indignação tal facto, o que levou o actual administrador a chamar o sargento ao posto, mas... como lobo não come lobo, tudo ficou em águas de bacalhau.

Ainda outra proesa: Um pobre diabo que de Monchique veio aqui querender peros foi preso e também espancado. Fomos relatar o facto ao sr. Seita. Na administração o pobre rapaz, com medo do sargento, negou que lhe tivessem batido. Como o sargento em referência fôsse informado que fui eu quem fez a participação, tendo-me encontrado quando vinha para o posto ameaçou-me com a pistola. Isto foi presenteado por dezenas de pessoas, que com asperza condenaram a atitude do sargento. Como ameaçasse prender-me, tirei que recolher-me na administração, onde na frente do administrador o tal sargento me disse que me partia a cara, ficando o administrador impassível a tudo.

Pedimos justiça a quem competir.

João Gonçalves PIRES

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

Teatro S. Carlos

JOÃO

A's. 9,15

O mais belo espectáculo

com o

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

PRÍNCIPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários de grande aparato

Admirável desempenho

<p

CARTA DE COIMBRA

O CONFLITO DOS BOMBEIROS MUNICIPAIS

Conforme noticiámos há tempos, a corporação dos Bombeiros Municipais está em conflito com o inspector, devido a um inquérito aos actos do chefe José Guerra, criatura extremamente antipática à corporação pelos seus actos arbitrários, que estão em flagrante contradição com certas afirmações daquela senhor noutros tempos feitas...

Tivemos, também, o prazer de anunciar aos leitores o dígnio e ativo gesto da corporação, recusando-se a ir fazer os seus depoimentos ao quartel da Guarda Republicana, gesto este que acarretou para os bombeiros a simpatia de tanta gente que desempenham.

Para nós é tanto mais grato exaltar a briosa atitude da corporação, quanto é certo que ela é composta, na sua totalidade, por trabalhadores que únicamente do seu trabalho vivem e que arrancam às horas do seu descanso o tempo para se dedicarem à nobre e altruística missão que desempenham.

Sobre o conflito recebemos uma nota oficiosa dimanada da corporação, que grosso modo reproduzimos:

«Os Bombeiros Municipais de Coimbra, reunidos para apreciar a questão suscitada entre a Corporação e o chefe José Guerra, não se conformando com a morosidade do inquérito-poeira levado a efeito pela Câmara Municipal, pois que as acusações feitas por nós a esse indivíduo que dentro daquela corporação se tem arvorado num ridículo Rivera de opereta são claras, não precisando, portanto, de qualquer inquirição, e não querendo os Bombeiros Municipais, que muito presam o seu brio e a sua dignidade, continuar a ser chefiados por um homem a quem falta a autoridade moral dentro da Corporação, pelas irregularidades cometidas, resolveram na sua última reunião apresentar na quinta-feira à sessão da Câmara uma nova representação, declarando que caso esse chefe não seja imediatamente afastado do exercício das suas funções apresentará na seguinte sessão a admissão colectiva e distribuirá em seguida um manifesto à cidade de Coimbra e aos bombeiros de todo o país expondo a razão do seu gesto.

Coimbra, 30 de novembro de 1925.—Os Bombeiros Municipais de Coimbra.

As imoralidades da batota

A propósito da nossa local sobre o jôgo, onde nos referímos ao correspondente do jornal A Epoca, fomos procurados pelo sr. Augusto Morna, que nos declarou que sabia ser él o visado nesse local, mas que não é correspondente desse jornal, mas sim seu redactor e representante nessa cidade. O correspondente, que é o sr. Carlos de Almeida, nada tem que ver com este caso. Fica, portanto, feita a rectificação, ilibando, assim, o sr. Carlos de Almeida, que é, de resto, uma pessoa de comprovada seriedade e digna de todo o respeito, sendo nós os primeiros a lamentar esse equívoco, aliás natural, pois as funções que o sr. Morna exerce em nome de A Epoca são muito semelhantes às dum correspondente.

Aclarado assim o assunto, ficam de pé as nossas considerações a propósito da situação moral dum representante dum jornal católico ser um aficionado... da batota.

E então os artigos do sr. Morna em A Epoca que se distinguem sempre pelo seu sabor moralista!

Disse-nos aquele senhor, também, que de facto costuma frequentar as casas de tavolagem, mas como é maior e vacinado, reserva-se o direito de jogar aquilo que é dele, sem que por isso tenha de dar satisfações a alguém.

Esta confissão tácita, saída dos *puros* lábios dum católico, é sintomática...

Realmente, se este senhor se entretivesse a dissipar no jôgo os seus haveres, não éramos nós, certamente, que lhe iríamos à mão por isso. Mas é que o cristianíssimo sr. Augusto Morna é conhecido em toda a cidade por batoteiro de profissão—que o ignorar?—e os individuos desta espécie jogam mas é o que é dos outros, vivendo, quais nojento parasitas, do sangue e do suor alheios, convertidos, neste caso, em autênticas notas de Banco.

Todo o indivíduo que prese a sua dignidade e o seu brio, deve fugir a sete pés destes bichos, a não ser que fraga consigo os meios profiláticos para se defender...

Um «fôrça viva» agressor

COIMBRA, 29.—Na passada sexta feira, pelas 22 horas, deu-se uma lamentável cena de agressão, junto à Estação dos caminhos de ferro, de que foi vítima um tra-

O bispo Pedro Cauchon socega com um gesto expressivo os clamores dos ingleses, faz o sinal da cruz e diz com voz solene e elevada:—Caríssimos irmãos, se um membro sofre! disse um apóstolo aos coríntios, o corpo inteiro sofre! também assim, quando a heresia infecta um membro da nossa santa igreja, é urgente separá-lo dos outros, para que a podridão não gangrene o corpo místico do Nosso Salvador. Havia-nos justamente declarado, a ti, Joana, idólatra, adivinhadora, invocadora do diabo, sanguinária, dissoluta, sismática e herética!... Tu, Joana, sá de espírito e de rasão, havias abjurado teus crimes, assim voluntariamente a abjuramento com a tua própria mão; porém bem depressa tornaste a teus condenáveis erros. Por isso nós te declaramos excomungada, heresiaca e relapsa...; condenamos-te a seres extirpados do meio dos fieis, como um membro podre pela lepra da heresia, e abandonamos-te, e entregamos-te à justiça secular, pedindo-lhe que fora a morte e a mutilação dos membros que tu vais sofrer, te trate não mais com moderação! Amen!...

Uma explosão de gritos de feroz alegria acolhe a sentença, a sanguinária impaciência dos soldados está satisfeita, o povo contempla com horror Joana Darc...; a igreja infalível a excomunga, quem a lamentará?

Um dos assessores desce do estrado e fala em voz baixa a fr. Isambard; este diz a Joana:

—Ouviste a vossa sentença; levantai-vos, minha filha.

Pedro Cauchon ficara em pé na borda do estrado, Joana levanta-se e mostrando ao prelado o céu, como para o tomar por testemunha de suas palavras, disse em voz alta com acento de reprovação:

—Bispo! bispo!... morro por vossa causa!...

Pedro Cauchon, apesar da sua audácia infernal, estremece, empalidece, e curva a fronte de bronze sob o anatema que na presença de Deus e dos homens a sua vítima lhe lançou em rosto, e vaca, com passo menos firme, outra vez assentando-se junto do cardeal Winchester.

MARCO POSTAL

Santo Aleixo.—José Paulo Lôte.—Não podemos enviar o jornal nas condições que deseja por ser difícil. Só o poderemos fazer por assinatura mensal e recebendo-o diariamente.

Lisboa.—José Ramos.—Recebemos \$500. Não chega para nenhum período de tempo em débito. Diga-nos de que forma quer o mesmo liquidar.

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	4	12	19	26	Aparece às 7,39
D.	5	13	20	27	Desaparece às 17,15
S.	6	14	21	28	1 A.F. DA LUA
T.	7	15	22	29	1. C. dia 30 a 24
Q.	8	16	23	30	2. M. dia 31 a 10,51
Q.	9	17	24	31	3. C. dia 1 a 11,54

MARES DE HOJE

Praiamar às 5,06 e às 5,24

Baixamar às 10,36 e às 10,54

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sóbre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque...	27\$78	
París, cheque...	37\$79	
Suíça, ...	38\$99	
Bruxelas cheque	19\$60	
New-York, ...	75\$91	
Amsterdão ...	77\$9	
Itália, cheque ...	27\$78	
Brasil, ...	55\$9	
Praga, ...	52\$6	
Suécia, cheque...	27\$77	
Austria, cheque	49\$68	
Berlim, ...		

ESPECTÁCULOS TEATROS

Nacional	As 21—As duas Metades.
São Carlos, ...	1.1.30—O Príncipe João.
Palácio, ...	2.1.30—Eraparigas de hoje.
Trindade, ...	Não há espetáculo.
Gimnásio, ...	A's 21,15—Guerra ao vinho.
Teatro, ...	A's 21,15—Papá Lebonards.
São Luís, ...	A's 21—Os Gávios.
Renânia, ...	A's 21,15—O Pão de Ló.
Eden, ...	A's 21,15—No país de tirismos.
Teatro Vítor, ...	A's 20,20 e 25,20—Rataplana.
Coliseu, ...	A's 21—Companhia de circo.
Joaquim, ...	Joaquim de Almeida—Animatógrafo e variedades.
Salão, ...	Animatógrafo e Variedades.
El Vizcaya, ...	A's 20—Animatógrafo.
Irenê, ...	Irénê—Técnicas—Todas as noites. Concertos e diversões.
CINEMAS	
Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado — Terrasse — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança	

Damos

Por menos de metade do preço, por motivo de dissolução de sociedade, todas as nossas fazendas de lã para fatos, sobretudos e casacos de senhora. Fazendas de lã para fatos em todas as qualidades, padrões e cōres, desde \$8,50. Retalhos em bolas medidas, quânto de graça

DONAS

Fabricantes de Lanifícios—Depósito de venda a retalho (Directamente ao público)

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2º

NO PORTO

Praça da Liberdade, 115

Avenida dos Aliados, 1 e 5, e rua Fernandes Tomás, 392, A

LIMAS NACIONAIS

So a grande fábrica de propriedade com dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estanqueiras, visto que as limas de ferro pressa de Espanha rivalizam em preços e qualidades com as melhores limas do Mundo.

Experimentem, pois, as nossas limas que a encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragaria pôr parte.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 20 desta revista intitulada El Hereje, de J. Sanjurjo. Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de A Batalha.

Frigorífico UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

Único Tome Peixeira, Ltd., ...

Experiamente, pois, as nossas limas que a encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragaria pôr parte.

Joana Darc

ao monge. — Meu padre, desejava

uma cruz para morrer olhando-a.

Vários soldados ingleses, que formavam alas.

Tu não precisas de cruz, grande relapla! feiticeira do inferno!... Para a fogueira! vamos acabar com isto!

O que tu queres é ganhar tempo, grande cobarde!

Basta de demoras! a morte a herética!

A' fogueira! a fogueira!

Fr. Isambard diz algumas palavras ao ouvido do assessor, e este afasta-se precipitadamente na direcção de uma igreja vizinha. Um magarefe inglês, com a expressão de heresiaca e relapsa...; condenamos-te a seres expulsos do meio dos fieis, como um membro podre pela lepra da heresia, e abandonamos-te, e entregamos-te à justiça secular, pedindo-lhe que fora a morte e a mutilação dos membros que tu vais sofrer, te trate não mais com moderação! Amen!...

Uma explosão de gritos de feroz alegria acolhe a sentença, a sanguinária impaciência dos soldados está satisfeita, o povo contempla com horror Joana Darc...; a igreja infalível a excomunga, quem a lamentará?

Um dos assessores desce do estrado e fala em voz baixa a fr. Isambard; este diz a Joana:

—Ouviste a tua vossa sentença; levantai-vos, minha filha.

Pedro Cauchon ficara em pé na borda do estrado, Joana levanta-se e mostrando ao prelado o céu, como para o tomar por testemunha de suas palavras, disse em voz alta com acento de reprovação:

—Bispo! bispo!... morro por vossa causa!...

Pedro Cauchon, apesar da sua audácia infernal, estremece, empalidece, e curva a fronte de bronze sob o anatema que na presença de Deus e dos homens a sua vítima lhe lançou em rosto, e vaca, com passo menos firme, outra vez assentando-se junto do cardeal Winchester.

Joana Darc, tomando-a com transporte. — Obri-

gadio, meu pa... (leva-a aos lábios).

Fr. Isambard, baixinho—Mandei buscar à igreja

de Saint-Ouen uma cruz grande com a imagem do Salvador, tê-la hão diante de vós tanto tempo quanto for possível. Dirigi as vossas súplicas a Jesus Cristo.

Fr. Isambard recebeu do magarefe inglês a grossa cruz, dâ-a a paciente.

Joana Darc, tomando-a com transporte. — Obri-

gadio, meu pa... (leva-a aos lábios).

Fr. Isambard, baixinho—Mandei buscar à igreja

A BATALHA

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALARIOS

O operariado começa a movimentar-se para prestar todo o auxílio aos heróicos corticeiros em greve

Comunicados da greve

De Messines, Barreiro, Odemira, Castelo Branco, Setúbal, Póvoa do Bispo, Seixal, Amora, Alhos Vedros e São Tiago do Caramão, chegam-nos comunicados em que os grevistas corticeiros se afirmam na melhor das disposições de persistir na luta até que os industriais abdiquem da sua injustificada e criminosas pretensões de reduzirem os salários.

Em Silves, os grevistas reúnem para apreciar a marcha do movimento, sendo encalpeitado duramente a atitude dos industriais, resolvendo-se persistir na luta, não só para não consentir nova baixa de salários como para reivindicar os 10% que foram retirados em Outubro p. p., visto que o custo da vida vai subindo. Nesta localidade, com o produto de duas festas realizadas pelo Grupo Dramático em Portimão, organizou-se uma cosinha para auxílio dos filhos dos grevistas, resolvendo estes apelar para todos os que queriam e possam enviar-lhes donativos para manutenção da cosinha. Os grevistas protestam contra o facto de uns burilhos sem escrúpulos andarem com umas listas falsas a angariar recaita em nome dos corticeiros em greve, aconselhando tódia a gente a que trate dignamente êsses reféns mandonhas.

Também resolveram negar de futuro tódia a espécie de solidariedade a todos os corticeiros que não sejam solidários nesta luta.

Em Sines, reúnem os grevistas para se inteirar do decorrer da greve sendo todos unâniames em prosseguir a luta contra a pretendida baixa de salários, tanto mais que os rigores do inverno e a alta do custo da vida já se fazem sentir. Mais resolveram protestar contra o auxílio que o governo está dispensando aos industriais no sentido de esmagar os que lutam por mais pão, lançando sobre uns e outros tódas as responsabilidades do que possa surgir desta temos dos donos das indústrias. Apreciaram o facto de um tal Francisco Pimenta, quadrador, um desgraçado aleijado física e moralmente, se prestar a servir os desígnios do industrial Francisco Bigas, encarniçado inimigo dos operários.

Em Aldeagalega, a pesar do incorrecto e traíçoeiro procedimento dos descarragadores de mar e terra, a greve prossegue com coesão e firmeza, tendo-se realizado um comício público onde foi exposta a razão que assiste aos grevistas e exprobada a atitude desumana dos industriais.

Bom Belém a greve prossegue sem esmorecimentos, devendo realizar-se hoje uma grande sessão pública, pelas 19 horas.

Para essa sessão que se realizará na rua Paulo da Gama, 6, a que assistirão delegados da Federação Corticeira, C. S. T. L. e C. G. T., foi distribuído um manifesto que diz assim:

"Alardiam mentirosamente os industriais, para levarem à água ao seu moimento, que a situação péssima que a indústria atraíva é que os forçava a reduzir os salários...

Nós, porém, afirmamos, altivamente, que a indústria corticeira tem, nos últimos tempos, obtido maiores facilidades para o seu funcionamento, do que qualquer outra indústria. E para corroborarmos esta nossa afirmação, diremos—sem recermos desmentidos—que a matéria prima custa hoje menos 50 000 do que custava há um ano.

Junte-se a isto, que já é alguma coisa, a redução de 10 000 nos salários, que já sofremos em outubro, e ainda a abolição do imposto de exportação de róhás há pouco decretado e concluir-se-há, sem grande esforço, que só a ambição desmarcada dos industriais, aliada a uma vergonhosa ausência de escrupulos, os levou a arremeter de novo com os salários!

Proletários—Hoje por nós, amanhã por vós!

Acompanhai-nos espiritualmente nesta luta que também é vossa, que também é dos vossos filhos."

Também as comissões administrativas das secções da Construção Civil e Metalúrgica convocaram todos os operários daquela área a comparecer à sessão.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: As provas de abnegação e de resistência prestadas por estes 12.000 homens, nas cinco semanas já decorridas, são-nos garantia duma vitória bem merecida. A maladade dos industriais, conjugados na Associação Industrial Portuguesa e supostamente inspirados por essa caverna de exploração e desordem, contou com o elemento fome para nos fazer curvar vencidos e cobardes aos pés dos verdugos de nossas famílias. Enganaram-se! A miséria assola-nos, é certo, mas longe de fazê-nos fraguejar, mais nos exacerba e nos revolta contra aqueles a quem, num trabalho exaustivo, temos dado o fausto e a abundância em que vivem.

E que nós temos uma arma poderosa a opor aos desígnios esfaimadores desses senhores—a resistência filha da razão que possuímos; e contamos com uma outra arma que nos é cedida pelos nossos irmãos da grande família proletária a que pertencemos—a solidariedade.

Camaradas—O apelo lançado pela nossa federação vai produzindo apreciáveis efeitos. Não estamos sós. A solidariedade do operariado que está interessado no desiderado da nossa luta começa a fazer-se sentir. Confiamos, pois, em que a nossa resistência alentada pela solidariedade que nos é prestada nos guiará à vitória.

Que todos os corticeiros saibam inquirir animo aos seus entes queridos e comportar-se de forma a não merecer o lebou infamante de traidor!

Que a solidariedade entre nós corresponda às demonstrações de carinho produzidas pela Federação Ferroviária, que chamou por nós a atenção de todos os ferroviários do país, e pelo S. U. do Mobiliário de Lisboa, que nos oferece todo o apoio moral e material, e pela restante organização operária que também se vai manifestando.

Joga-se neste momento uma cartada difícil: Os maiores da indústria jogam a vida dos pequenos industriais e todos em conjunto jogam a nossa vida.

Que elas se arruinem entre si, não im-

porta. Por nosso lado, atendendo a que a luta é a vida, lutemos para viver!

Um sentido apelo da Federação Ferroviária

A Federação Nacional dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colónias vem de enviar a todos os sindicatos ferroviários do país a seguinte exortação:

A todos os sindicatos ferroviários Solidariedade aos corticeiros!

12.000 trabalhadores corticeiros, formando como a guarda avançada da classe operária, na resistência a manter pela defesa dos salários conquistados através de mil sacrifícios, os quais não suportam as tremendas oneracões da vida actual, lutam já há mais dum mês com as maiores necessidades, numas condições desproporcionais sem dúvida, e por isso mesmo, sob o ponto de vista material, mas duma elevada grandezza moral.

Estes 12.000 operários que num gesto altruísta de indignação se insurgiram contra o desejo dos seus exploradores, em lhes quererem reduzir os exigentes jornais que aferrem, reivindicando os seus direitos e de suas proles, simultaneamente estão defendendo os interesses do restante operariado, enfrentando a tentativa da baixa de salários.

E esta greve, além de todas as características que possui, não pode deixar de ser analisada sob este aspecto.

Que os sindicatos ferroviários existentes se esforçam por conseguir das classes que representam o máximo da solidariedade para que os referidos camaradas se mantêm em luta até à vitória.

São pelo menos 50.000 entes que neste momento e devido à ganância do industrialismo rapace, sofreram as agruras duma luta digna, justa e heroica!

Prestemo-lhes, pois, toda a nossa solidariedade moral e monetária.—A Comissão Executiva.

Um imponente comício no Barreiro

BARREIRO, 3.—O comício foi imponente. O amplo salão da casa dos ferroviários do Sul e Sueste encontrava-se literalmente cheio e as mulheres, como sempre, apresentaram-se em número regular, dando realce ao grandioso acto de solidariedade operária, como que imprimindo mais fôlego a estas camaradas corticeiros que tão dignamente se mantêm nesta luta titânica contra o industrialismo.

Presidente ao comício Domingos Pablo, secretariado por José Rosinha e Jorge Migueis.

Usa da palavra, em primeiro lugar, Jorge Migueis, corticeiro. Com voz clara e com argumento conciso, o orador principia por afirmar que os industriais da corticeira lançaram a classe nesta luta para a esmagar. Esta, porém, convenceu que este gesto criminoso não é apenas obra dos industriais corticeiros: é uma obra da patronal, de todo o patrónato.

Principiaram pela classe corticeira e se esta baqueasse esse facto era suficiente para o patronato prosseguir na extorsão à classe operária.

Entrando propriamente no assunto, o orador recorda, em frases repassadas do sentimento que lhe é peculiar, as vissitudes da classe corticeira. Esta não dispõe, nem de pautas nem de bancos. A alta ciganagem fez um pacto contra os trabalhadores e principiou pela classe corticeira. Se esta aceitasse a redução do salário, todas as classes, incluindo a ferroviária, teria que sujeitar-se à redução que lhes quisessem impor.

Se se consentisse no esmagamento da classe corticeira será o mesmo que todas as classes deixarem-se esmagar a si próprias.

Alvaro Rosa diz que não é só a classe corticeira que luta com a tentativa de redução de salários. São todas as classes. Refere que, enquanto se pretende reduzir os salários dos trabalhadores, ao exercício é aumentado os vencimentos. Procede-se assim exactamente para que a tropa esteja sempre ao lado do Estado e do capitalismo contra a massa que trabalha e sofre. Refere-se a outras classes que também lutam pelo mesmo motivo e esta situação não pode manter-se e para isso é necessário fazer recuar o industrialismo na sua criminosa obra de roubo à classe operária.

M. J. de Sousa, pela C. G. T. diz que este organismo já em 1921 enviou aos organismos confederados ou não, uma circular avisando-os do golpe que o capitalismo preparava e que consistia tanto em aumentar as horas de trabalho como em reduzir o salário—circular que era uma prevenção contra os manejos patronais que se desenvolviam através da imprensa burguesa, como consequência de resoluções das conferências internacionais das forças burguesas.

Dessas conferências apenas transpira o que convém à diplomacia capitalista e a obra da reacção política, tragicamente demonstrada em alguns países, não é senão a resultante dos planos traçados no xadrez da vida económica.

Diz o que tem sido a luta da classe, em todas as localidades e através de todos os tempos, desde que a classe está organizada. Pergunta se haverá direito de uma classe com um passado de tão gloriosas lutas, aceder, além do mais, a uma imoralidade como é aquela que os industriais querem impôr agora, pretendendo arrancar-lhe muito do pouco que ela tem auferido e que mal lhe tem chegado para manter os filhos na miséria. A Federação, através de todos os sacrifícios manterá o espírito de resistência necessário para que a luta desta importante classe seja vitoriosa.

Francisco Fernandes Pata fala em nome da Federação Corticeira. Todos sabem—é a orientação traçada pela federação da indústria.

Quando o movimento de Maio a classe lutou durante 7 semanas. Então os industriais alegavam que não podiam atender à reclamação de aumento de salário.

Então os operários acederam em transigir.

Era uma situação em que as oscilações bancárias tornavam instáveis as condições da indústria. Alegam agora os industriais que, em virtude dessas oscilações cambiais, perderam muito dinheiro. O que, porém, não dizem são os lucros e as fortunas que fizem a classe operária.

Adriano Pimenta, um novo cheio de vida, diz que não é a classe corticeira que está em greve contra os industriais mas estes contra os corticeiros. Quando os industriais quiseram fazer o seu jôgo com a situação cambial empurraram a classe para a greve; agora foram eles que fizeram greve contra a classe para lhe reduzir os salários. Sempre o criminoso intuito de esmagar, seja qual for a forma, a classe, que tem que defender o seu direito à vida, lanchada como foi neste movimento, mantendo tempo que for necessário, até que os industriais se convençam de que os corticeiros ainda não são uma classe subjugada. Está convenido, porém, que esta luta deve a uns tantos industriais, os potenziados, que, possuindo fábricas em Portugal, também possuem outras em Espanha, França, etc. Os restantes são meros átomos agregados àqueles que tudo movem para satisfazer os seus caprichos e sede de lucro.

Considerando que há 33 dias os operários corticeiros se encontram em luta contra as pretensões dos industriais corticeiros por lhes quererem baixar mais os salários; considerando que aos mesmos assiste a absoluta razão, pois se verifica que a maioria dos operários corticeiros não auferem salários suficientes para enfrentar a carestia da vida;

considerando, por último, que todas as classes proletárias têm o dever moral de prestar toda a solidariedade moral e material aos corticeiros em greve; o povo trabalhador do Barreiro, reunido em comício

O que elas desejam é esmagar a classe operária, a fim de a poder conservar cabida e humilhação no futuro. Refere-se às condições do desenvolvimento técnico da indústria, tão precárias e inferiores que as fábricas estrangeiras fazem à indústria nacional uma competição mortal. Este é outro crime, aliás sancionado pelos governantes, que para nada se preocupam com a intensificação industrial como aumento da própria riqueza nacional. Termina por fazer um caloroso apelo aos restantes classes para que saibam cumprir o seu dever de solidariedade nesta luta, como condição de vitória de todos os trabalhadores.

Gregório Matoso limita-se a poucas palavras. A situação em que os industriais colocaram a classe é só própria de quem não tem sentimentos humanos. Reporta-se as referências que o orador antecedeu fez aos potenziados da indústria, e afirma que todos eles constituem o cancro roedor e venenoso da classe. Faz a biografia de alguns para demonstrar o seu nenhum valor moral.

Quasi todos, nada possuem e hoje dispendem de milhares de contos, depositados em bancos estrangeiros, fortunas feitas à custa da fome e da miséria dos trabalhadores, que, andrajosos e famintos, morrem à mingua. É esta situação que força a classe a não transigir de maneira alguma. E isso fará, porque conta com o poderoso auxílio da classe trabalhadora, uma vez que a causa é de todos.

António José Piloti, dos ferroviários do Sul e Sueste está também, como todos os seus camaradas, ao lado da valente classe corticeira. Estamos numa hora—diz—em que os traficantes pretendem vender as colónias como venderam a frota marítima, numa hora em que o fascismo pretende estender os seus domínios para além da fronteira, e a marinha portuguesa que presteu instituir a pena de morte, quando, por outro lado enviam presos para inóspitas paragens africanas—e a pensar de tudo isto não faltam desgraçados que na urna fôssem depositar um quadrilatero de papel depositando poderes descrecionários naqueles que amanhã vão de manter o mesmo estado de coisas que infelicitam a classe trabalhadora. Refere-se aos presos por questões sociais e a um quadro doloroso a que em Lisboa, à porta do tribunal da Boa Hora, após a morte de um preso, se sentiu o grito de "Viva Portugal!"

Por dia 25 de maio próximo, reúne em Genebra, a oitava sessão da Conferência Internacional do Trabalho, tendo para ordem dos trabalhos o estudo das simplificações susceptíveis de aplicação à inspecção dos emigrantes a bordo, discussão do relatório anual de Albert Thomas e qualquer questão urgente sobre problemas sociais.

Conferências internacionais em 1926

No dia 25 de maio próximo, reúne em Genebra, a oitava sessão da Conferência Internacional do Trabalho, tendo para ordem dos trabalhos o estudo das simplificações susceptíveis de aplicação à inspecção dos emigrantes a bordo, discussão do relatório anual de Albert Thomas e qualquer questão urgente sobre problemas sociais.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Corresponde aos desejos manifestados pelos homens do mar, o estudo a realizar sobre a inspecção do seu trabalho.

Conferências internacionais em 1926

No dia 25 de maio próximo, reúne em Genebra, a oitava sessão da Conferência Internacional do Trabalho, tendo para ordem dos trabalhos o estudo das simplificações susceptíveis de aplicação à inspecção dos emigrantes a bordo, discussão do relatório anual de Albert Thomas e qualquer questão urgente sobre problemas sociais.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos, e armadores—resultou o projeto agora submetido à discussão.

Entre 1919 e 1920, os sindicatos dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os